

Representações da criança refugiada em uma campanha do UNICEF: estereótipos e cenas validadas no discurso humanitário

Representations of refugee child in a UNICEF campaign: stereotypes and validated scenes in humanitarian discourse

Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt¹
Centro Universitário Cenecista (UNICNEC)
daiane.unicamp@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o vídeo "Mustafa: da Síria à Alemanha", produzido pelo UNICEF para uma campanha sobre as crianças refugiadas. A análise baseia-se nas noções de estereótipos (ALLPORT, 1979; AMOSSY; PIERROT, 2001; GATTI, 2014), cena de enunciação, discurso constituinte, cena validada (MAINGUENEAU, 2006; 2010; 2015) e memória discursiva (COURTINE, 2009). Os resultados da análise mostram que a cenografia escolhida para o vídeo contribui com o propósito de arrecadar fundos para a causa humanitária, apelando para a empatia de uma suposta comunidade universal responsável. Para tanto, o vídeo veicula estereótipos e cenas validadas sobre os refugiados e a infância.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Cena de enunciação; Discurso constituinte; Estereótipos; Humanitarismo.

ABSTRACT: This article aims to analyze the video "Mustafa: from Syria to Germany", produced by UNICEF for a campaign about refugee children. The analysis is based on the notions of stereotypes (ALLPORT, 1979; AMOSSY; PIERROT, 2001; GATTI, 2014), enunciation scene, constituent discourse, validated scene (MAINGUENEAU, 2006; 2010; 2015), and discursive memory (COURTINE, 2009). The results of the analysis show that the scenography chosen for the video contributes to the purpose of raising funds for the humanitarian cause, appealing to the empathy of a supposedly responsible universal community. To this end, the video conveys stereotypes and validated scenes about refugees and childhood.

Keywords: Discourse analysis; Enunciation scene; Constituent discourse; Stereotypes; Humanitarianism.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), membro do grupo de pesquisa Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise (FEsTA), da Unicamp; professora-autora do Centro Universitário Cenecista (UNICNEC).

Introdução

Segundo a historiadora Michelle Perrot (2000), uma das formas do intolerável é o sofrimento dos fracos e das crianças. Entretanto, a historiadora defende que, embora haja uma abundância de notícias sobre tal questão, esse excesso pode causar um efeito anestésico, tornando-nos espectadores compassivos e cúmplices da desgraça do mundo. No sentido de amenizar esse sofrimento, as ações humanitárias se propõem como esperança de alívio para vidas em situação de risco. Com esse objetivo, desde 1946, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) vem atuando a fim de prestar assistência a crianças em situação de vulnerabilidade. Para tanto, essa instituição realiza campanhas com a finalidade de arrecadar fundos para o auxílio dessas crianças.

O objetivo deste artigo é analisar discursivamente o vídeo “Mustafa: da Síria à Alemanha”, que faz parte da campanha *Crianças desenraizadas* produzida pelo UNICEF. A análise discute as representações dessa instituição, da infância e da educação em funcionamento no vídeo. Para tanto, tomamos como base as noções de cena de enunciação, discurso constituinte e cena validada, propostas por Maingueneau (2006; 2010; 2015). Além disso, mobilizamos também a noção de estereótipo, conforme Amossy e Pierrot (2001), Allport (1979) e Gatti (2014), e a noção de memória discursiva de Courtine (2009). Entre os aspectos multimodais que constituem o vídeo, consideramos para a análise a relação entre o relato feito pela criança e os diferentes planos de imagens mostrados ao longo do vídeo.

O presente artigo constitui-se do seguinte modo: primeiramente, são apresentadas as noções que fundamentam a análise. A seguir, são descritos o vídeo e as condições de sua produção. Em seguida, é realizada a análise do vídeo e, por fim, são apresentadas as conclusões da pesquisa.

Cena de enunciação, discurso constituinte, cena validada e estereótipos

Em contraposição às noções de situação de enunciação² e de situação de comunicação³, Dominique Maingueneau (2010) propõe, na perspectiva da Análise do

² Maingueneau (2010) afirma que a noção de situação de enunciação aparece na teoria de Antoine Culioli, na década de 1960, em decorrência dos estudos de Benveniste. Essa noção refere-se a “um sistema de coordenadas abstratas, puramente linguísticas, que torna possível todo e qualquer enunciado fazendo-o refletir sua própria atividade enunciativa” (MAINGUENEAU, 2010, p. 200).

³ A noção de situação de comunicação foi proposta por Dell Hymes, que define os seguintes parâmetros para a análise da comunicação: a finalidade, o estatuto dos parceiros, a circunstância, o modo de inscrição da

Discurso (AD), a noção de “cena de enunciação”. O autor defende que “um texto é, na verdade, rastro de um discurso no qual a fala é encenada” (MAINGUENEAU, 2010, p. 205). Para ele, o termo “cena” é eficiente porque permite pensar, ao mesmo tempo, a cena como um quadro e como um processo. Assim, “o discurso pressupõe certo quadro, definido pelas restrições do gênero, mas deve também gerir esse quadro pela encenação de sua enunciação” (MAINGUENEAU, 2015, p. 117).

De acordo com o autor, a cena de enunciação é composta por três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A primeira diz respeito ao tipo de discurso, como explica o autor:

Quando recebemos um panfleto na rua, devemos ser capazes de determinar se se trata de algo que remete ao discurso religioso, político, publicitário, etc., ou seja, devemos ser capazes de determinar em que cena englobante devemos nos colocar para interpretá-lo, para saber de que modo ele interpela seu leitor (MAINGUENEAU, 2006, p. 111).

Um texto pode ter duas cenas englobantes. O vídeo em análise, por exemplo, mobiliza o discurso humanitário e o discurso publicitário.

A cena genérica, por sua vez, corresponde ao nível imediato do gênero do discurso, “as cenas genéricas funcionam como normas que suscitam expectativas” (MAINGUENEAU, 2015, p. 120). Assim, cada cena genérica tem uma finalidade, os papéis atribuídos aos parceiros, um lugar apropriado para seu sucesso, um modo de inscrição na temporalidade, um suporte, uma composição e um uso específico dos recursos linguísticos.

A cena genérica do vídeo em análise é uma campanha, que tem o seguinte funcionamento: ao produzir-se uma campanha, elege-se um público-alvo (coenunciador) e espera-se que esse coenunciador reconheça que a campanha tem um fim específico de provocar a sua adesão a um certo valor. No vídeo, temos a combinação entre uma campanha publicitária e uma campanha de conscientização. No caso das campanhas do UNICEF, podemos afirmar que elas promovem o valor da assistência social e da responsabilidade de proteger. A função principal dessas campanhas é conscientizar a sociedade da necessidade de contribuir com as ações humanitárias. Para tanto, a cada campanha reforça-se a tese de que é preciso ajudar os necessitados. Assim, essas campanhas funcionam na manutenção de uma memória sobre a responsabilidade de proteger e também criam, paradoxalmente, uma comunidade discursiva a quem se dirigem. Maingueneau (2000) afirma que há

temporalidade, o suporte, o esquema textual (o gênero) e o uso da língua. Desse modo, a noção tem uma fundamentação sociológica e remete àquilo que é exterior ao discurso.

posicionamentos que supõem a existência de comunidades discursivas que só existem na e pela enunciação que produzem. Esse seria um funcionamento típico dos discursos constituintes.

A noção de discurso constituinte foi proposta por Maingueneau e Cossuta em 1995 e diz respeito a alguns discursos que têm um estatuto particular porque não reconhecem nenhuma autoridade acima de si mesmos. Alguns exemplos de discursos constituintes seriam o discurso religioso, o filosófico, o científico e o literário. Maingueneau (2006) discute a possibilidade de pensar o discurso das organizações internacionais, como a ONU, como um discurso constituinte. A esse respeito, o autor afirma:

Como “o mundo”, enquanto tal, não pode falar, é a ONU que fala em seu nome. Pode-se reconhecer aqui o estatuto singular da ONU, a qual é, supostamente, a expressão da Humanidade, do mundo, o qual se autoanalisa numa reflexividade que é cheia de muitos paradoxos (MAINGUENEAU, 2006, p. 139).

Assim, neste artigo, propomos que as campanhas do UNICEF dirijam-se a uma suposta comunidade discursiva, paradoxalmente, criada pelas próprias campanhas humanitárias. A essa comunidade chamaremos, aqui, de “comunidade universal responsável”, levando em consideração dois aspectos: o primeiro deles é que o conceito de humanidade como uma comunidade universal é uma construção histórica. De acordo com Calhoun (2008), a compreensão da humanidade como uma série de indivíduos equivalentes é histórica e polêmica. O segundo aspecto é que esse conceito de humanidade implica, entre outras questões, que os seres humanos têm obrigações éticas uns para com os outros e que tais obrigações ultrapassam as noções de nacionalidade e etnia. Calhoun (2008) afirma que uma das faces do cosmopolitismo moderno é a obrigação ética com os mais fracos. Responder às emergências é uma das características da globalização. Desse modo, as campanhas do UNICEF, fundamentadas nessa ideia de responsabilidade de proteger, dirijam-se ao que estamos chamando aqui de “comunidade universal responsável”, que, paradoxalmente, é também construída pelas próprias campanhas.

Por fim, de acordo com Maingueneau (2015), o terceiro componente da cena de enunciação é a cenografia, que construída pelo próprio texto e corresponde à encenação singular da enunciação. Nas palavras do autor:

A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos

destinatários instaurando a cenografia que o legitima (MAINGUENEAU, 2015, p. 123).

O autor ressalta que há uma escala entre as cenas genéricas que impõem sempre uma mesma cenografia, por exemplo, uma lista telefônica, uma receita médica ou uma certidão de nascimento, e as cenas genéricas que permitem cenografias variadas, como é o caso da publicidade. A cenografia do vídeo em análise é a de um documentário em que uma criança refugiada conta a história da sua chegada à Alemanha e da sua adaptação à escola.

Para a análise, mobilizamos também a noção de cena validada de Maingueneau (2006). Conforme o autor, as cenas validadas são cenas “já instaladas na memória coletiva, seja a título de algo que se rejeita ou de um modelo valorizado” (MAINGUENEAU, 2006, p. 122-123). O autor explica que os diversos públicos, por mais vastos e heterogêneos que sejam, têm um estoque de cenas validadas, apoiadas em estereótipos. Como exemplo, o autor cita a cena de uma família reunida e conversando durante uma refeição. De acordo com ele, esta é uma cena validada positiva na cultura francesa. Embora o exemplo dado refira-se apenas à construção verbal da cena, estendemos essa noção para o domínio pictórico propondo que há imagens que veiculam cenas validadas em determinados discursos.

A respeito da noção de estereótipos, de acordo com os estudos da psicologia social, a construção de estereótipos é um elemento constitutivo e até inevitável da relação do ser humano tanto consigo quanto com o outro. Allport (1979) defende que os estereótipos são socialmente suportados e reproduzidos constantemente pelos meios de comunicações. Para o autor, um estereótipo é uma generalização que se sustenta tanto em uma percepção quanto em um esquecimento seletivo, não considerando o caráter individual em um grupo. Logo, esse esquecimento seletivo é constitutivo para o processo de generalização. Nesse sentido, o preconceito poderia ser definido como um julgamento prévio, antes de um exame justo, fundado em uma *overcategorization* (sobrecategorização). Por esse processo, são atribuídas a um indivíduo as características julgadas como gerais a um grupo. De acordo com o autor, os preconceitos étnicos são construídos sobre dois pontos: uma generalização equivocada e uma certa hostilidade.

Amossy e Pierrot (2001) afirmam que os estereótipos, mesmo quando negativos, são fundamentais para a coesão de um grupo. Entretanto, chamam atenção para o fato de que os estereótipos que desvalorizam, geralmente, são um instrumento de legitimação e dominação de um grupo étnico sobre outro. De acordo com as autoras, essa noção é produtiva para os estudos da Análise do Discurso, porque o estereótipo funciona como um tipo de pré-

construído, na medida em que é um elemento prévio do discurso, afirmado pelo enunciador, mas cuja origem já está esquecida. A noção de pré-construído está relacionada à noção de interdiscurso, de acordo com Pêcheux, como aquilo que fala antes, em outro lugar e independentemente.

Courtine (2009) reelabora a noção de interdiscurso propondo a noção de memória discursiva, a partir do funcionamento do campo enunciativo proposto por Foucault. Courtine defende que a memória discursiva gerencia o modo como “nos lembramos na luta ideológica, do que convém dizer e não dizer, a partir de uma determinada posição em uma conjuntura dada” (COURTINE, 2009, p. 106). Ela está ligada à lembrança e ao esquecimento, à repetição e à refutação. A respeito da memória discursiva, Maingueneau (2008) afirma que cada discurso demanda uma memória externa, isto é, inscreve-se em uma Tradição, mas também cria uma memória interna e própria. No caso das agências humanitárias, há uma gestão de uma memória interna em que as agências são caracterizadas como responsáveis por mitigar o sofrimento humano.

Ainda acerca da aproximação das noções de estereótipos e pré-construídos, Gatti (2014) afirma que ambas tratam de algo que foi enunciado antes e expressam juízos e valores, pois estão ligadas à ideologia. Segundo o autor, há dois tipos de estereótipos: os que são elementos de uma formação discursiva específica e os estereótipos que não estão necessariamente ligados a um discurso específico e circulam mais livremente por diversos discursos. O autor ressalta que uma diferença entre a noção de estereótipos e a dos pré-construídos é que estes são da ordem do linguístico, enquanto aqueles podem ser percebidos também em outras semioses, como as imagens e os vídeos.

A partir das noções apresentadas, investigamos como os estereótipos se relacionam com as cenas validadas no discurso humanitário e no discurso sobre a infância na construção/manutenção de uma memória discursiva acerca da necessidade de contribuir com a causa humanitária. Para tanto, realizamos, a seguir, a descrição do vídeo e de suas condições de produção.

Descrição do vídeo

Na Síria, no início de 2011, inspiradas nas manifestações da chamada Primavera Árabe, houve manifestações contrárias ao governo de Bashar al-Assad, no poder desde 2000. O presidente recusou-se a renunciar e, embora tenha aberto concessões, as manifestações se

intensificaram gerando conflitos violentos. Assim, iniciou-se uma severa guerra civil na Síria. Contudo, o foco da guerra deixou de ser a derrubada do governo, quando começou um forte conflito entre xiitas e sunitas, passando a abranger a questão religiosa. Nesse contexto, o grupo conhecido como Estado Islâmico do Iraque e da Síria tem tentado assumir o controle do país, por meio de violentos ataques. O conflito gerou um grande número de refugiados e deslocados. De acordo com dados da ONU, em 2016, mais de quatro milhões de pessoas já tinham deixado o país.

Em 2015, Angela Merkel, chanceler alemã, anunciou uma política de recebimento de refugiados. Desde então, o país tem recebido um grande número de refugiados da Síria. Entretanto, autoridades alemãs relatam mais de 850 casos de ataques contra abrigos de refugiados.

Em 2016, o UNICEF divulgou o relatório *Uprooted: the growing crisis for refugee and migrant children (Desenraizadas: a crise que se agrava para crianças refugiadas e migrantes)*, segundo o qual as crianças (menores de 18 anos) são cerca de metade do número de refugiados no mundo. A grande maioria vem da Síria e do Afeganistão. O estudo mostra que cerca de 28 milhões de crianças tiveram que abandonar as suas casas por conta de conflitos em seus países, muitas delas atravessam as fronteiras sozinhas. Segundo o relatório, em 2015, mais de 100.000 crianças desacompanhadas requereram asilo em diversos países. O relatório destacou ainda que uma criança refugiada tem uma enorme probabilidade de não frequentar a escola e, quando tem esse direito, provavelmente sofrerá *bullying*, sendo vítima de xenofobia.

Tendo em vista a questão da criança refugiada, o UNICEF lançou, ainda em 2016, a campanha *Crianças desenraizadas*, a fim de dar visibilidade à situação das crianças que foram obrigadas a deixar seus países de origem. Além da conscientização, a campanha teve o intuito de arrecadar fundos para essa causa. Para tanto, foi produzida uma série de vídeos, entre eles, vídeos sobre crianças fugindo da guerra na Síria. Um deles foi o vídeo intitulado “Mustafa: da Síria à Alemanha”, que apresenta a história de um menino sírio de 14 anos, refugiado na Alemanha. No vídeo, além de mostrar sua travessia para Alemanha, o menino faz um relato de sua situação em uma escola alemã. O vídeo é dividido em duas temporalidades e territórios. No início, ele aparece ainda no campo de refugiados, na segunda parte, já está na Alemanha, frequentando a escola. Assim, partindo da concepção de Maingueneau (2010), de que cada texto é um rastro de discurso, selecionamos esse vídeo para análise a fim de explicitar as representações construídas.

Análise do vídeo

Como já foi explicitado, o vídeo é composto por duas cenas englobantes: a do discurso humanitário e a do discurso publicitário. Sobre o discurso humanitário, Barnett (2008) defende que a história do humanitarismo moderno relaciona-se à história ocidental cristã, fundamentada em uma posição etnocêntrica, que se apresenta com um propósito universal de levar a democracia, os direitos humanos, a lei e também a economia de mercado ao mundo todo. O autor explica que as agências humanitárias operam a partir dos princípios de neutralidade, humanidade e imparcialidade. No entanto, ao mesmo tempo que esse discurso apresenta-se como defensor da liberdade e do progresso, apaga processos históricos de dominação dos territórios e a responsabilidade da comunidade internacional na geração dos conflitos.

Quanto ao discurso publicitário, as agências humanitárias recorrem a ações publicitárias a fim de angariar fundos para os trabalhos. Essas agências agem no sentido de aliviar o sofrimento, socorrendo vítimas de conflitos armados e desastres, independentemente de nacionalidade, religião ou cultura. Calhoun (2008) chama a atenção para o fato de que há um grande número de agências humanitárias, desde grandes organizações, como é o caso do UNICEF, até organizações locais. Logo, essas agências precisam disputar entre si a fim de atrair doadores e fundos.

Quanto à cena genérica, o vídeo é uma campanha publicitária que circulou na televisão em diferentes países e também está disponível nos canais do UNICEF no YouTube. A sua finalidade é conscientizar o coenunciador sobre a situação das crianças refugiadas, a fim de que contribua com o UNICEF. A respeito dessa relação, precisamos analisar quem é o coenunciador dessas campanhas: uma suposta “comunidade universal responsável”. Calhoun (2008) afirma que a resposta humanitária, fundamentada na ideia de responsabilidade pelos outros, é um dos imperativos da era moderna. O chamado “humanitarismo moderno” tem como característica a emergência de uma demanda de resposta a estranhos a partir da construção de uma ideia daquilo que chamamos aqui de “comunidade universal responsável”. De acordo com o autor, há dois modos de conceber a ação humanitária. Um deles é a resposta imediata e minimalista de um conflito, baseada em uma ideia de caridade pré-política. Outro modo é entendê-la como um processo de longo prazo de desenvolvimento da condição humana, fundamentado na agenda liberal.

Embora já se possa falar de uma ideia de cidadania universal ainda no mundo antigo, modernamente, essa ideia remonta ao final do século XVIII e início do século XIX. Calhoun

(2008) afirma que a palavra inglesa *humanitarian* (“humanitário”) é datada do início do século XIX e aparece em um contexto do cristianismo, na discussão sobre a humanidade de Cristo. Entretanto, a palavra difundiu-se rapidamente em outro sentido: referente àqueles que têm o propósito de aliviar o sofrimento humano. Fundamenta-se na ideia de que os mais afortunados têm obrigações de ajudar os menos afortunados. De acordo com o autor, o humanitarismo deriva da ideia de filantropia e esta, da ideia de caridade. Contudo, enquanto a caridade é direcionada localmente para indivíduos específicos e próximos, a filantropia e o humanitarismo implicam o combate à pobreza e a outros problemas não só no âmbito nacional, mas, principalmente, em âmbito internacional. O humanitarismo teria, portanto, um caráter universal.

Para aprofundar a discussão sobre os papéis atribuídos ao enunciador e ao coenunciador, vamos analisar a cenografia do vídeo que é a de um documentário. A respeito desse gênero cinematográfico, Lucena (2012) explica que, ao contrário do filme ficcional, que é associado à construção de uma história em um mundo imaginário, interpretada por atores que representam os personagens, o filme documental é aquele que registraria o mundo “real”, em que os protagonistas são os próprios sujeitos da ação. Segundo o autor, no documentário, procura-se reproduzir o *modus vivendi* dos personagens. O efeito disso seria que há uma fala de forma direta que nos faz prestar a atenção e nos obriga a tomar uma posição.

As imagens do vídeo em análise são acompanhadas pela narração de Mustafa, em árabe, legendadas a depender da língua oficial do país que assiste ao vídeo. Para análise, selecionamos a legenda em português, conforme disponível no canal do UNICEF do Brasil. Ao longo das cenas, ouve-se a voz do garoto, que é o narrador do vídeo. O recurso do narrador em primeira pessoa, isto é, um personagem autodeterminante (que fala de si), é um dos elementos típicos do gênero documentário. Esse personagem autodeterminante dá ao vídeo um efeito de realidade ao narrado, que outorga validade ao que é dito. Assim, o vídeo, que é uma produção do UNICEF, dá a palavra àquele que é atendido por ele, o que cria um efeito de eficiência: a ajuda realmente chega aos necessitados. O recurso ao personagem autodeterminante também cria um efeito de empatia, uma vez que o coenunciador tem a oportunidade de ouvir a história diretamente da boca da criança, criando uma obrigação de engajamento – é preciso tomar uma posição a respeito.

Outro elemento da composição do vídeo é a relação entre territórios, tempos e cores. O vídeo pode ser dividido em duas temporalidades: o passado, no campo de refugiados, e o presente, na Alemanha. A primeira locação é um campo transitório para refugiados na Grécia.

Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt. Representações da criança refugiada em uma campanha do UNICEF: estereótipos e cenas validadas no discurso humanitário.

As cenas nessa locação estão em preto e branco. Há dois grupos de pessoas, um dentro do campo e outro organizado em fila.

Imagem 1 - Campo de refugiados



Fonte: UNICEF. Mustafa: da Síria à Alemanha. 2016. Vídeo. (2min 5seg). Publicado pelo canal: UNICEF Brasil.⁴

Na segunda cena, aparece Mustafa, uma criança síria, de 14 anos, com uma mochila nas costas, andando entre a multidão no campo de refugiados.

Imagem 2 - Mustafa andando com um grupo de refugiados



Fonte: UNICEF. Mustafa: da Síria à Alemanha. 2016. Vídeo. (2min 5seg). Publicado pelo canal: UNICEF Brasil.⁵

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9iGY7LD8Pds>>. Acesso em: 07 out. 2017.

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9iGY7LD8Pds>>. Acesso em: 07 out. 2017.

As primeiras palavras do garoto são as seguintes indagações: (1) "Eu costumava me perguntar como seria a Alemanha? Como eles nos receberiam? Aonde poderíamos ir e o que aconteceria conosco?"

Em (1), materializa-se a questão da incerteza e do medo do refugiado. Não há garantias para aqueles que abandonam o seu país. O uso do preto e branco na composição da cena colabora para a construção desse clima de insegurança e também funciona na marcação do tempo. Essas imagens referem-se ao tempo passado.

A segunda parte do vídeo é colorida e composta por três sequências narrativas intercaladas: o menino no ambiente escolar, em casa fazendo uma refeição e um close de seu rosto.

A primeira cena aparece com a inscrição "um ano depois", que marca o tempo decorrido, e mostra Mustafa no presente, na cidade alemã de Hof.

Imagem 3 - Mustafa na Alemanha



Fonte: UNICEF. Mustafa: da Síria à Alemanha. 2016. Vídeo. (2min 5seg). Publicado pelo canal: UNICEF Brasil.⁶

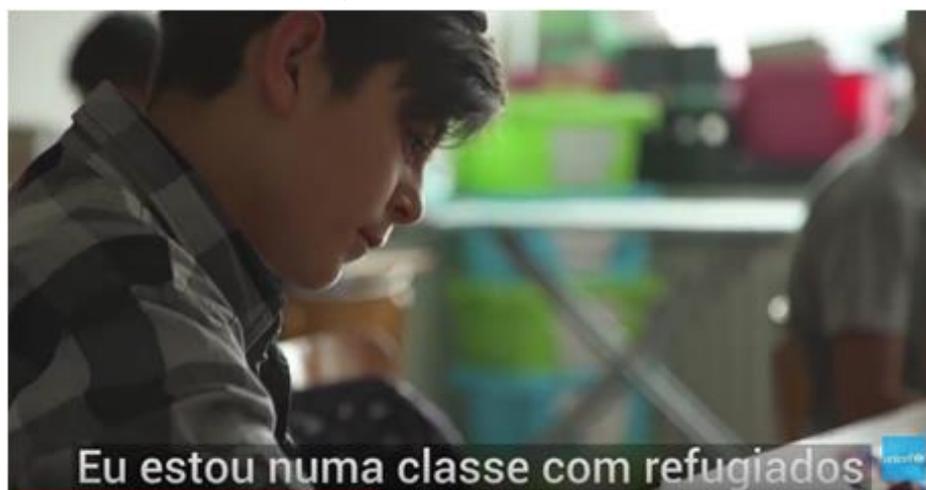
Nessa parte do vídeo, a primeira informação que o garoto dá é a de que está feliz: (2) "minha vida é boa agora, eu estou feliz. Eu me sinto seguro". Essa afirmação de estar feliz agora nos remete ao modo de ação típico das histórias de aventura em que os personagens, depois de enfrentarem alguma situação conflituosa, terminam a história sendo "felizes para sempre". O primeiro efeito de sentido seria que o personagem do vídeo, após ter feito a travessia e finalmente chegado à Alemanha, teria encontrado seu final feliz. Além disso, o garoto afirma que está "seguro", contrapondo-se ao discurso ainda no campo de refugiados, quando estava receoso sobre a viagem. Assim, o sentido é de que estar refugiado é estar feliz

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9iGY7LD8Pds>. Acesso em: 07 out. 2017.

e seguro. Entretanto, o relato do garoto continua descrevendo um cenário conflituoso, uma vez que, além de seu pai ainda estar no Iraque e sua irmã, na Síria, ele enfrenta uma situação de conflito no ambiente escolar.

No vídeo, um dos cenários é o da escola. No início da segunda parte, Mustafa aparece dirigindo-se à escola e, depois, já na sala de aula, desenvolve com outras crianças atividades manuais, com o auxílio de uma professora.

Imagem 4 - Mustafa na escola



Fonte: UNICEF. Mustafa: da Síria à Alemanha. 2016. Vídeo. (2min 5seg). Publicado pelo canal: UNICEF Brasil.⁷

Imagem 5 - Mustafa com os colegas de classe



Fonte: UNICEF. Mustafa: da Síria à Alemanha. 2016. Vídeo. (2min 5seg). Publicado pelo canal: UNICEF Brasil.⁸

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9iGY7LD8Pds>>. Acesso em: 07 out. 2017.

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9iGY7LD8Pds>>. Acesso em: 07 out. 2017.

O historiador Philippe Ariès (1981), que desenvolveu um estudo sobre a noção de infância a partir da Idade Média, explica que a escola é um tema frequente nas representações da pintura desde o século XIV, mesmo que o foco das pinturas na época não fosse a criança, mas sim o mestre (professor). De acordo com o autor, a criança vai aparecer como foco da representação apenas no século XVII, sendo a lição de leitura (grupo de meninos lendo, desenhando e brincando) uma das cenas típicas da infância na cultura ocidental. Assim, podemos afirmar que a criança na escola tem sido uma cena validada positiva no discurso ocidental sobre a infância, em que a escola aparece como um lugar próprio para a criança, como um lugar de segurança e acolhimento. Faz parte, portanto, de uma memória sobre a criança e a educação. A instrução é um direito garantido a todos os seres humanos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e, segundo a Declaração dos 10 direitos da criança da ONU, art. 7: “a criança terá direito a receber educação, que será gratuita pelo menos no grau primário”. Desse modo, ao apresentar Mustafa na escola, um dos efeitos de sentido é de que o UNICEF tem cumprido o seu papel de cuidar da criança.

Além disso, a ênfase na instrução de Mustafa diz respeito também à prática do humanitarismo. Pureza (2012) explica que, enquanto a ação humanitária clássica era marcada pela intenção de aliviar o sofrimento das vítimas de conflitos, o novo humanitarismo busca o “desenvolvimento” dos envolvidos no conflito. O autor afirma que, nesse novo humanitarismo, “subjaz a essa alteração profunda uma compreensão das vítimas não mais como seres individuais e passivos objetos de assistência, mas, cada vez mais, como atores coletivos, com um papel ativo” (PUREZA, 2012, p. 6). Destarte, esses atores coletivos precisam ser incluídos no processo de reconstrução, a fim de que não se tornem “ameaças” à segurança global. Nesse sentido, propiciar a educação de Mustafa na Alemanha é, portanto, um dos imperativos da ação humanitária, evitando que ele se torne uma futura “ameaça”.

A narrativa do garoto mostra que há um conflito no ambiente escolar. Em primeiro lugar, ele frequenta uma turma de refugiados e não a classe regular com os garotos alemães. Para ter acesso à classe regular, ele precisa saber o alemão. Além disso, o conflito aparece na fala de Mustafa que diz que os garotos alemães têm medo dos refugiados. Desse modo, ele precisa legitimar-se na escola como um aluno e não um terrorista. Um dos pontos para essa legitimação é a língua. Esta é a barreira que ele tem que transpor para poder frequentar a classe regular. A esse respeito, Mustafa afirma: (3) "E eu digo aos meus amigos, se falarmos alemão entre nós, vamos aprender mais rápido". Em (3), o garoto reconhece a necessidade de aprender a língua de acolhimento e mostra-se disposto e empenhado em aprendê-la,

produzindo um efeito de sentido de que o refugiado é alguém disposto a se adequar ao país acolhedor.

Moro (2015) chama a atenção para o fato de que as identidades são formadas em relação ao pertencimento cultural. Segundo a autora:

Cada sistema cultural engloba uma língua, um sistema de parentesco, um corpo de técnicas e modos de fazer, a culinária, as artes, as técnicas de cuidado, as técnicas de maternagem etc. Todos esses elementos esparsos são estruturados, de maneira coerente, em representações e enunciados linguísticos que atribuem sentido a todos esses aspectos, codificando-os em uma linguagem. Essas representações culturais são a interface entre o mundo individual e o coletivo. São resultado da apropriação feita pelo sujeito dos sistemas de pensamento de origem cultural, garantindo sentido à experiência subjetiva e sua enunciação. O sujeito incorpora essas representações e se reapropria de suas significações, seus conflitos, seus sentidos. Então, o que seria a cultura do ponto de vista do sujeito? A cultura é o que permite decodificar “o total” das experiências vividas pelos sujeitos (2015, p. 186).

Desse modo, para a autora, sendo a língua um lugar de pertencimento, o evento migratório tem consequências potencialmente traumáticas como a aculturação provocada pela inscrição em uma nova sociedade com uma nova língua. Nesse sentido, desenraizar-se não é só deixar o território, em sentido físico, mas também a língua e a própria identidade.

Benveniste (2006), o linguista sírio, que foi um refugiado na França, afirma que a língua é "um poder coesivo que faz uma comunidade de um agregado de indivíduos e que cria a própria possibilidade da produção e da subsistência coletiva" (p. 97). Assim, a língua é constitutiva do indivíduo em sujeito social. Portanto, é um ponto essencial na discussão sobre os refugiados, visto que a sua língua materna também é, de certo modo, deixada para trás.

Além da questão identitária perdida na aquisição/imposição da nova língua, há uma questão da identidade do sírio, pois há um conflito com a imagem que o outro tem dele. Mustafa diz que os meninos alemães têm medo dele.

Imagem 6 - Close em Mustafa



Fonte: UNICEF. Mustafa: da Síria à Alemanha. 2016. Vídeo. (2min 5seg). Publicado pelo canal: UNICEF Brasil.⁹

(4) Os alemães me perguntam quem eu sou e de onde eu vim. É direito deles. Se você estivesse no lugar deles e estrangeiros viessem para o seu país, você perguntaria por quê. Talvez você pensasse: eles vão vir aqui e vão se explodir. Você não saberia o que poderia acontecer. Então, eles estão com medo. Eles estão com muito medo disso.

O modo como Mustafa se refere aos garotos alemães mostra que ele vê uma legitimidade no questionamento deles (“é direito deles”; “se você estivesse no lugar deles”). Há, em (4), a incorporação do discurso do outro sobre si. Desse modo, o que parece adaptado (em (2), o que se sente feliz e seguro) aparece como aquele que tem que se explicar, dizer constantemente quem é, provar, sob suspeita, que não é um terrorista.

Montenegro (2002) afirma que o atentado ao *World Trade Center*, em Nova Iorque, intensificou o conflito Islã e Ocidente, deixando o mundo islâmico cada vez mais em foco, sendo associado à violência e ao terrorismo. Contudo, esse conflito é anterior ao episódio do 11 de setembro de 2001. A autora discute alguns aspectos do livro “*Covering Islam: como a mídia e os experts determinam como vemos o resto do mundo*”, de Edward W. Said, publicado em 1997. Segundo a autora, no livro, Said afirma que os meios de comunicação constroem uma representação do islã a partir de uma visão dicotômica do mundo: nós x eles, Ocidente x Oriente Médio, cristianismo x islã, democracia x autoritarismo. Montenegro (2002) explica que, segundo Said, "houve uma invenção ocidental do Islã, e em vista disso a palavra Islã funcionaria como um rótulo associado a radicalismo e teocracia" (p. 73). Destarte, podemos afirmar que ocorre o processo de *overcategorization*, conforme descrito por Allport

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9iGY7LD8Pds>. Acesso em: 07 out. 2017.

(1979), fazendo com que circule na sociedade ocidental um estereótipo negativo sobre os adeptos ao islã como terroristas.

Os recentes ataques reivindicados pelo grupo Estado Islâmico, principalmente na Europa, inclusive na Alemanha, têm colaborado para fundamentar ainda mais a imagem do islã associado à violência, fazendo com que pessoas em diferentes partes do mundo sejam vistas como suspeitas de terrorismo só por serem adeptas ao islã, ou mesmo apenas por serem árabes. Assim, há a construção/manutenção de um estereótipo religioso e étnico fundamentado na hostilização de indivíduos por pertencerem a um grupo que é visto de forma categórica como homogêneo, como descreve Allport (1979). A respeito do estereótipo do terrorista, Burke (2016) defende que esse termo evoca uma imagem de violência extrema e irracional. O historiador ressalta que “se esses ‘terroristas’ – iranianos, palestinos, curdos etc. – forem redefinidos como ‘guerrilheiros’, eles recuperam seus rostos humanos e também causas compreensíveis – para não falar de ideais” (BURKE, 2016, p. 191). A categorização “terrorista”, portanto, simplifica/reduz/apaga vários processos e conflitos históricos.

Ao afirmar que é direito dos alemães desconfiarem dele, Mustafa retoma esse estereótipo negativo e reconhece-se nele, pondo-se no lugar daquele que está sob suspeita. Desse modo, há uma incorporação do discurso do outro sobre si. O discurso de si como sírio associa o ser sírio a ser do islã, e esse ser do islã, por sua vez, é visto de modo pejorativo como ser terrorista e violento. No caso do vídeo em análise, o garoto sírio incorpora o discurso corrente que associa o islã à violência, identifica-se com esse discurso, uma vez que se reconhece nele, justificando que é natural que os garotos alemães tenham medo dele.

Outro cenário, intercalado às cenas, é o de Mustafa fazendo, em casa, uma refeição com um grupo de sírios. Esta é uma cena validada positiva no discurso ocidental não apenas porque mostra uma refeição em família, mas também porque a culinária árabe é admirada pelos ocidentais, sendo considerada um dos Patrimônios da Humanidade. Essa cena funciona ainda no sentido de mostrar que há uma boa adaptação do menino à Alemanha.

Imagem 7 - Refeição em casa



Fonte: UNICEF. Mustafa: da Síria à Alemanha. 2016. Vídeo. (2min 5seg). Publicado pelo canal: UNICEF Brasil.¹⁰

Por fim, Mustafa continua a narrar a sua história. A cena dele na escola é intercalada com um close do rosto do garoto, com semblante sério. Lucena (2012) explica que, na composição de um filme, os diferentes tipos de enquadramento de imagem têm a função de provocar diferentes efeitos no envolvimento do espectador. De acordo com o autor, a escolha do close ou do *close-up* (detalhe do rosto) tem a função de revelar aspectos psicológicos do personagem, fazendo com que o espectador mantenha um relacionamento mais íntimo com ele. Assim, esse tipo de enquadramento, no desfecho do vídeo, cria um efeito de intimidade e empatia com o coenunciador. É esperado, portanto, que o coenunciador comova-se com a história de Mustafa, reconheça-se como responsável, isto é, identifique-se como parte dessa “comunidade universal responsável”, e contribua financeiramente com o UNICEF.

O vídeo encerra-se com a seguinte fala de Mustafa:

(5) “Eu conto para eles que eu vim da Síria porque há uma guerra lá e que nós somos pessoas exatamente como vocês. Deus colocou você neste planeta, mas ele não pertence apenas a você. Ele não é somente seu, é de todos. Ele não pertence apenas a um ou dois países. Ele é de todos”.

Desse modo, ele explica para os alemães que está ali por conta da guerra e se compara aos demais: "nós somos pessoas exatamente como vocês". Uma das estratégias do discurso preconceituoso é apresentar o outro como não humano. No caso do discurso contra o islã, esse não humano seria perverso, uma vez que destrói a própria espécie (explode-se). Barros (2016)

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9iGY7LD8Pds>. Acesso em: 07 out. 2017.

afirma que um dos traços dos discursos intolerantes é o medo do outro e a desumanização dele. Dessa maneira, a fala final de Mustafa retoma e nega esse discurso preconceituoso ao apresentar os refugiados como pessoas assim como os alemães e ao afirmar que o planeta pertence a todos. Esse “todos” funciona no sentido de construir a ideia de uma “comunidade universal responsável” e retoma uma polêmica sobre o próprio sentido de humanidade, posicionando-se na defesa de que o planeta não pertence apenas a um, mas a todos.

Embora quem esteja enunciando as palavras finais seja Mustafa, pode-se afirmar que ele é o porta-voz do UNICEF, porque sintetiza a concepção que sustenta o trabalho do Fundo sobre a responsabilidade de proteger as crianças. Sendo em nossa sociedade, como explica Perrot (2000), o sofrimento das crianças uma das formas do intolerável, é esperado pelo UNICEF que os coenunciadores da campanha se sensibilizem com a história de Mustafa, reconheçam que são responsáveis por essas crianças refugiadas e contribuam com a ação humanitária. É esperado, portanto, que esses coenunciadores identifiquem-se como parte dessa “comunidade universal responsável”.

Conclusão

A análise do vídeo, que faz parte da campanha intitulada *Crianças desenraizadas*, mostra, portanto, que a criança, na situação de refúgio, precisa desenraizar-se, isto é, não apenas sair de sua terra natal, mas também aprender uma nova língua e construir uma nova identidade, ao mesmo tempo que indica a manutenção de alguns costumes (como a culinária árabe).

Ao apresentar o garoto no contexto escolar, a agência mostra que tem cumprido seu papel de promover que as crianças estudem, embora o acesso à escola não seja sinônimo de resolução do conflito, visto que o garoto ainda tem que se explicar o tempo todo e provar que não é perigoso, pois é associado (e, de certo modo, reconhece-se nesse estereótipo) a um estereótipo negativo sobre ser árabe. Desse modo, ele foge da guerra, mas ainda trava outra para se adaptar ao novo contexto. Além disso, promover educação à criança refugiada significa também evitar possíveis “problemas” futuros, porque, para o humanitarismo moderno, essa criança pode se tornar uma “ameaça” para o país que a acolhe. Nesse contexto, a educação é mostrada como caminho para que crianças superem as consequências da guerra e também para que se adéquem às regras do novo país.

Por fim, a campanha pertence ao discurso publicitário e ao discurso humanitário e tem como objetivo arrecadar fundos. Assim, a cenografia de documentário escolhida e as cenas validadas mobilizadas funcionam no sentido de legitimar o discurso humanitário, fazendo com que o coenunciador identifique-se com a causa e contribua financeiramente. As campanhas das agências humanitárias são construídas a partir de um ideal de humanidade em que todos são responsáveis, ou melhor, que os mais abastados são responsáveis pelos que estão em situação de vulnerabilidade, principalmente quando crianças. Logo, espera-se que o coenunciador identifique-se com esse ideal e contribua. A campanha inscreve-se, dessa forma, em uma memória discursiva do discurso humanitário, que pressupõe a existência de uma suposta “comunidade universal responsável” por mitigar o sofrimento humano, ao mesmo tempo que apaga o papel e a responsabilidade dos órgãos internacionais na existência dos conflitos. Paradoxalmente, essa comunidade é criada pelo próprio discurso.

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.
- ALLPORT, Gordon W. **The nature of prejudice**. Nova York: Basic Books, 1979.
- AMOSSY, Ruth. PIERROT, Anne Herschberg. **Estereótipos y clichés**. Buenos Aires: Eudeba, 2001.
- BARNETT, Michael. Humanitarianism: a brief history of the present. In: BARNETT, Michael. WEISS, Thomas. G. (org.). **Humanitarianism in question: politics, power, ethics**. Ithaca, N.Y.; London: Cornell University, 2008, p. 1-48.
- BARROS, Diana. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 1, n. 58, p. 7-24, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646151>>. Acesso em: 5 jul. 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v58i1.8646151>
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: UNESP, 2017.
- CALHOUN, Craig. The imperative to reduce suffering: charity, progress and emergencies in the field of humanitarian action. In: BARNETT, Michael. WEISS, Thomas G. (org.). **Humanitarianism in question: politics, power, ethics**. Ithaca, N.Y.; London: Cornell University, 2008, p. 73-97.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

GATTI, Márcio Antônio. Estereótipo e pré-construído: é possível uma articulação? **Revista Signótica**, v. 26. n. 2, p. 397-414, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/29824>>. Acesso em: 22 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v26i2.29824>

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**: conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo: Summus editorial, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Tradução Nelson Barros da Costa. **Revista do GELNE**, v. 2, n. 2, 2000, p. 1-12. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331/6685>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. POSSENTI, Sírio. SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez (org.). Curitiba: Criar, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MONTENEGRO, Silvia M. Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o Islã no Brasil. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 63-91, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 out. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000100003>

MORO, Marie Rose. Psicoterapia transcultural da migração. **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v. 26. n. 2, p. 186-192, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-26-02-00186.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140017>

ONU. **Declaração dos Direitos das Crianças**. Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

PERROT, Michelle. O intolerável. In: BARRET-DUCROCT, Françoise (org.). **A intolerância**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000, p.111-114.

PUREZA, José Manuel. As ambiguidades da responsabilidade de proteger: o caso da Líbia. **Revista Carta Internacional**. v. 7, n. 1., p. 3-19, 2012.

UNICEF. **Uprooted**: the growing crisis for refugee and migrant children. USA, set. 2016. Disponível em:

Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt. Representações da criança refugiada em uma campanha do UNICEF: estereótipos e cenas validadas no discurso humanitário.

<https://www.unicef.org/publications/files/Uprooted_growing_crisis_for_refugee_and_migrant_children.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2020.

UNICEF. Mustafa: da Síria à Alemanha. 2016. Vídeo. (2min 5seg). Publicado pelo canal: UNICEF Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9iGY7LD8Pds>>. Acesso em: 7 out. 2017.

Recebido em: 30 de agosto de 2020

Aceito em: 16 de novembro de 2020